

QUESTÃO ABERTA

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i41p115-127>

Tiago Ferro

RESUMO

O ensaio busca redimensionar a importância de Kafka para a obra de Roberto Schwarz, ao investigar as tensões que atravessam os dois ensaios do crítico brasileiro dedicados ao autor tcheco, abrindo um debate cifrado na obra do crítico sobre o sentido da história.

PALAVRAS-CHAVE: Kafka; marxismo; historiografia

ABSTRACT

The essay seeks to reframe the significance of Kafka in Roberto Schwarz's work by investigating the tensions that run through the two essays the Brazilian critic devoted to the Czech author, thereby opening a veiled debate in Schwarz's work about the meaning of history.

KEYWORDS: Kafka; Marxism; historiography

A crítica costuma classificar *A sereia e o desconfiado* na pré-história da obra de Roberto Schwarz; algo a ser lido à parte. Mesmo os estudos mais empenhados do livro de 1965, encontram seu valor pela falta: ao não ter reconhecido a matéria brasileira passando diante de si (principalmente entre os demônios russos delinquentes, arrivistas e manipuladores da ideologia liberal), ficaria justificada a menor potência crítica do conjunto. O esquema convence: sem a especificidade da experiência periférica, como colocar para funcionar a dialética forma artística e sociedade? *Nesse tipo de abordagem, o material do livro é pensado por contraste, e em bloco, com o polo positivo pendendo para o que viria, principalmente, depois de “Cultura e política 1964-1969” e “As ideias fora do lugar”.* A dificuldade da opção é que essa antecâmara da melhor crítica cultural não se conecta de fato aos livros seguintes.¹ Isso para não falar que ignora a natureza mesma do ensaísmo, a saber, a manipulação reiterada e algo provisória de seus objetos.

¹ A data de publicação original dos ensaios de *A sereia e o desconfiado* está muito próxima de alguns dos ensaios da segunda antologia, o que complica o que seria o corte radical entre os dois volumes. Os ensaios cobrem um período de produção que começa em 1959 e chega até 1964. Na coletânea seguinte, os dois primeiros ensaios são de 1966, um sobre *O amanuense Belmiro* e o outro sobre Kafka. Ficaria aberta a hipótese de que o golpe de 64 explicaria o suposto mistério da “virada schwarziana”, mas para isso, teríamos que considerar que o evento em si, e não sua duração, teria sido capaz de operar essa mudança crítica e formal radical, o que nos parece impossível de ser comprovado, para não dizer infrutífero.

Há ainda tentativas de retorno ao livro de ensaios de estreia passando pela leitura feita por Bento Prado Júnior, caindo assim num anacrônico debate sobre *o que é literatura*. Schwarz nunca se debruçou seriamente sobre o assunto. Publicou o texto do amigo veterano em *Teoria e Prática* e não perdeu tempo: tratou de enfrentar os objetos caso a caso, buscando em sua forma única a nota histórica.

No entanto, não é possível negar que há um evidente salto de qualidade em termos de estilo (e portanto interpretativo, já que em Schwarz a análise vem sempre a reboque da escrita) entre a primeira reunião de ensaios e a segunda — *O pai de família* (1978). No caso dos estudos sobre Kafka — “Uma barata é uma barata é uma barata”, do primeiro livro, e “A tribulação de um pai de família”, do segundo — nota-se que o virtuosismo ensaístico alcançado nos textos da segunda antologia encobre um passo atrás, ou melhor, um dilema encontrado na leitura de *A metamorfose*, que voltaria a tensionar a obra do crítico e apontaria, em seus melhores momentos, a opção firme pela crítica imanente.

Para entender essa tensão é necessário entrar no nível da frase, ou ainda, investigar o porquê da escolha de certas palavras, bem como suas consequências. O título é bom exemplo. Apresenta algo de enigmático por conta da ausência de pontuação e da terceira repetição, a princípio desnecessária, afinal, uma barata é uma barata, e fim. Mas a repetição *exagerada* em “UMA BARATA É UMA BARATA É UMA BARATA” sugere ausência de fim, ou, de início; e portanto de sentido. Flerta ainda com a poesia concreta em seu jogo com a materialidade das palavras, que ganham autonomia. Temos aí a condensação em imagem da forma essencial da obra de Kafka proposta pelo crítico logo no parágrafo único de apresentação do ensaio de 1961: “O desdobramento *realista* da vida, em que a situação engendra a situação e a última refaz as anteriores, não tem sentido em Kafka. Umas poucas páginas de leitura cerrada bastam a uma interpretação quase plena de sua obra. [...] o todo está presente, imediato, em suas partes, que mais o *representam* que *articulam*”.²

O texto é dividido em quatro partes — 1. A consciência na plateia; 2. A destruição da temporalidade histórica; 3. Destruída a História, o mundo torna-se imagem; 4. A linguagem, os fantasmas e sua posição política — que se conectam num adensamento a respeito do

² Roberto Schwarz, “Uma barata é uma barata é uma barata”, em *A sereia e o desconfiado*, 2. edição. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1981, p. 59.

sentido da história (ou sua ausência) em Kafka e no que é considerado a realidade em si; ou seja, o dentro e o fora da obra. O fora, no ensaio, coincide com o romance realista (que seria sua expressão),³ o que sobe a aposta do enfrentamento da novela por Schwarz, então tido como alinhado ao *realismo militante lukacsiano*.⁴

Na primeira parte do ensaio, Schwarz aponta a diferença entre Kafka e outras histórias fantásticas com metamorfoses, para apresentar o que há de único no universo do tcheco: na novela de 1915, a transformação não é reversível. Pior, ninguém (nem autor nem personagens) propõe motivos para o infortúnio, “o curso sobre-humano *ratifica* a atrocidade do princípio: o caso começa mal e acaba pior”. Continua: “A consciência individual não participa ativamente na criação de seu destino, nem, mais remotamente, da História humana que a expulsou e agora arrasta como objeto”.⁵ Nota-se que, se a régua do romance realista do dezenove é deixada de lado (ou não se lê Kafka a sério), entra em seu lugar outra ainda mais poderosa, principalmente no momento histórico de esperanças terceiro mundistas (justificadamente) exacerbadas e de um país “irreconhecivelmente inteligente” (como notaria o crítico com melancolia retrospectiva no famoso ensaio de 1970), a “História humana”. (Vale notar que por todo o ensaio, a palavra “história” vai com “h” maiúsculo.)

Schwarz troca a questão em miúdos, “O destino de Gregor selou-se pela transformação, não há como desfazê-lo. Se ontem fui patife, amanhã, com esforço, poderei ser valente; é de sequências como esta que irá se compor uma biografia humana e, mais imediatamente, a História humana”.⁶ Diferente do que seria a marca do crítico, a saber, a busca pelo contexto histórico, a “História humana” paira abstrata sobre diferentes

³ Para outra abordagem do assunto, Leo Bersani coloca em questão o realismo do dezenove ao apontar que os sujeitos coesos e solidamente construídos seriam menos mimese da realidade histórica do período na Europa Ocidental, do que efeito compensatório para sujeitos destroçados pela aceleração da vida nas sociedades industriais de então. Cf. *Future for Astyanax* (Boston: Little, Brown and Company, 1969), principalmente o capítulo “Realism and the Fear of Desire”, p. 51-89.

⁴ A independência em relação a Lukács está por toda parte. Vale conferir a entrevista “Braço de ferro sobre Lukács” (*Seja como for*, São Paulo, editora 34, 2019, p. 117-155), em que Schwarz não aceita nenhum tipo de alinhamento automático com o crítico húngaro; ou a escolha do ensaio justamente sobre cinema (“81/2 de Fellini: O menino perdido e a indústria”) de *A sereia e o desconfiado* para a prestigiosa coleção Essencial — Clássicos Penguin. Cf. *Essencial Roberto Schwarz*. São Paulo, Companhia das Letras, 2023.

⁵ Schwarz, Op. cit., p. 60.

⁶ Idem.

sociedades e temporalidades. Quando desce ao chão da realidade, parece quebrar a força do argumento. Não por acaso, deixa a função a terceiros: “Uma desgraça, diz Guenther [sic] Anders, semelhante à de nascer pobre — o futuro define-se antes do princípio — só que ainda pior”.⁷ O exemplo nada esclarece, uma vez que está aquém do problema dado, e contraria o que o relógio do mundo anunciava como irreversível “libertação dos povos oprimidos do planeta” (para manter o espírito da época).

Se a vontade humana não se articula para a transformação da própria condição, o mergulho introspectivo tampouco encontra autenticidade, mas interioridade postiça. “Não se trata do encontro de uma interioridade mais legítima que desmascarasse outra superficial, mas simplesmente da substituição dela por algo mais primitivo, que a expulsa da cena, da História, para deixá-la na plateia.”⁸ Provavelmente forçando um pouco a mão, a *consciência na plateia*, alheia às transformações do mundo, será imagem decisiva da cultura de esquerda pós-golpe de 64 no ensaio “Cultura e política 1964-1969”. Substituído bruscamente o governo (sai Jango, entram os militares), a esquerda se torna plateia impotente do processo histórico. No caso do ensaio de 1970, celebra vitórias do nada em salas fechadas. Ou, na imagem do comportamento humano em Kafka, segundo Schwarz, “frangos behavioristas num circuito de estímulo e resposta, inconstantes e teimosos, míopes e excitáveis”.⁹

Voltando ao texto. Fechando a primeira parte, entra, desajeitada, outra tentativa de situar historicamente o drama da irracionalidade e do comportamento humano programado (por fora). “São as imagens do fascismo que se anunciam: Eichmann defende-se com ser um burocrata consciencioso, sem responsabilidade pela natureza de sua ocupação, que lhe parece como um dado absoluto”.¹⁰ Provavelmente na esteira de Arendt, Schwarz não coloca em questão o cinismo e a desfaçatez do nazista em seu famoso processo; características que encontraria como estruturantes do comportamento das elites

⁷ Ibidem, p. 61.

⁸ Ibidem, p. 62.

⁹ Ibidem, p. 61.

¹⁰ Ibidem, p. 62.

brasileiras do dezenove, ao decifrar a forma das *Memórias póstumas de Brás Cubas*. (A relação entre o horror em Kafka e o fascismo fica pelo caminho.¹¹)

Em seguida, Schwarz aprofunda a reflexão histórica (abstrata) no espelhamento entre Gregor Samsa e a história para encontrar o que seria o tempo do mito na novela; o grande achado do crítico. Se a consciência depauperada e alienada, refém da temporalidade mecânica ainda é “temporalidade humana”, em Kafka, o tempo não só é “despido de sua força criadora como tem algo de inumano”.¹² Fosse irracional, a dialética cumpriria seu papel, mas ao optar pela palavra “inumano”, a engrenagem é travada. A tensão também cresce ao trocar o “tempo histórico” abstrato pelo “*durée*” da historiografia especializada: “A *durée* articulada é engano humano, o tempo verdadeiro, contínuo, é ditado pelos passos que transformaram Gregor em barata e o conduzem com segurança para a morte”.¹³ No nível da palavra, a história é caracterizada, remetendo ao campo intelectual, mas como falha.

Lá pelas tantas, por conta de uma escolha específica de palavras, podemos entrar a contrapelo no texto. Schwarz inicia a terceira parte resumindo a hipótese central do ensaio: “Entendemos por destruição de tempo e consciência a sua desarticulação, e mostramos como se prende, em *A metamorfose*, ao irromper o mito”. E continua: “Um marxista

¹¹ O mundo do tempo do mito e o fascismo parece mais conectado à experiência que não parecia seguir lógica alguma nos campos nazistas segundo Primo Levi. Cf. as páginas iniciais de *É isto um homem?* (Rio de Janeiro, Rocco).

¹² Ibidem, 63.

Décadas depois, a reflexão sobre a danação sem motivo, a atingir certos grupos no interior da modernidade, apareceria em Didier Eribon, que meio intuitivo encontra o tempo do mito em Kafka: “Sim, por que um certo número de pessoas está condenado ao ódio de outras (quer ele se exprima de maneira brutal nas agressões físicas em pontos de encontro ou de maneira eufemizada nas agressões discursivas vindas do espaço intelectual e pseudocientífico)? Por que certas categorias da população – gays, lésbicas, transexuais, ou judeus, negros etc. — devem carregar o fardo das maldições sociais e culturais cuja motivação e reativação incansável temos tanta dificuldade de conceber? Sempre me fiz esta pergunta: ‘Por quê?’. E também esta outra: ‘Mas o que fizemos?’. Não há outra resposta a essas perguntas a não ser a arbitrariedade dos vereditos sociais, o seu absurdo. Como em O processo, de Kafka, é inútil procurar o tribunal que pronuncia esses julgamentos. Ele não tem sede, não existe. Chegamos a um mundo onde a sentença já foi dada [...]”. *Retorno a Reims*. Belo Horizonte, Âyiné, 2024, p. 163-64.

Vale ainda notar que o mundo do mito em Kafka lançado por Schwarz, poderia reverberar nos três volumes da principal biografia de Kafka: “[...] não é necessário uma análise muito extensiva para dar nome aos pontos centrais dessa existência, tão estática que é preciso se perguntar [...] até que ponto se pode falar em uma evolução. Essa rede, ao que parece, nunca foi lançada ao mundo, ela simplesmente estava lá”. Reiner Stach, *Kafka: Os anos decisivos* (São Paulo, Todavia, 2022), p. 18.

¹³ Schwarz, Op. cit., p. 64.

reduziria, é claro, o mito a uma prática humana alienada”.¹⁴ *Se no início do parágrafo o pronome oculto do entendimento da ideia é o da primeira pessoa do plural, coletivo e acadêmico, na frase seguinte, quem recusa o mito é “um marxista”.* Não faz sentido debater se Schwarz é marxista ou não, ou quanto; não porque seja óbvio, mas porque nada esclarece. Mas no interior do debate no qual estava envolvido, tendo sido convidado (provavelmente por dominar o idioma alemão) a se juntar ao grupo de jovens professores uspianos que liam Marx e Lukács¹⁵ para brigar por espaço na faculdade *utilizando as armas da crítica de forma interessada demais no próprio sucesso acadêmico*, o jovem crítico parece não fechar com a marcha progressista da história (etapista ou não, sempre ascendente) que eliminaria irracionaisismos como resíduos arcaicos.

O “marxista” vai continuar aparecendo no ensaio, inserindo assim um terceiro ponto de vista ao do crítico (narrador do texto) e ao de Kafka (criador do narrador da novela).¹⁶ Dessa forma, Schwarz é capaz de se distanciar do debate armado por ele mesmo, deixando a contenda seguir (com a autonomia romanesca que ele próprio exigia dos livros analisados na antologia de estreia) entre os outros dois “personagens”. A nova perspectiva alivia o sufoco das teorias mais intransigentes e permite ao crítico o olhar contra-intuitivo mediado pela forma artística (o que o colocaria até hoje em posição oblíqua em relação ao seu grupo de formação). O fechamento revela o tamanho do impasse.

Se no anti-realismo de Kafka a linguagem sobe ao primeiro plano como se se bastasse desligada de sua generalidade — o que explicaria a força e beleza do estilo seco do autor — “ao purgar-se ilumina a vida que a criou, ilumina as contradições que no contexto habitual da prática se haviam mistificado. A pureza linguística desvenda os compromissos da vida. Esta é a composição revolucionária da obra de Kafka”.¹⁷ Do que seria então fraqueza frente

¹⁴ Idem.

¹⁵ A mais recente tentativa de apanhar globalmente o que se convencionou chamar de pensamento paulista, está em Fabio Mascaro Querido, *Lugar periférico, ideias modernas: aos intelectuais paulistas as batatas*. São Paulo, Boitempo, 2025. O autor, muito no embalo das posições do próprio Schwarz sobre o grupo de estudos de Marx (em ensaio e entrevistas), acaba por mitificar o acontecimento como fundador da corrente. A ironia fica por conta do leitor.

¹⁶ O jogo aqui poderia se tornar ainda mais complicado se aprofundarmos o desdobramento do autor em narrador. Nesse caso haveria o “marxista”, o autor do ensaio, seu narrador, Kafka e o narrador da novela. No entanto, para o nosso ponto, a simplificação proposta basta.

¹⁷ Schwarz, Op. cit., p. 72.

às exigências do realismo (e da realidade para o “marxista”) “provém a sua força desmistificadora: revela a *condição* do submetido”.¹⁸ O mundo do mito, tomado como engano pelo narrador materialista, passa a seu momento de verdade, porém sempre transformável: “Tornada fonte última, a linguagem embrulha seu próprio usuário, que vê em seus paradoxos as contradições do Ser *enquanto* tal e não apenas enquanto manifestação histórica”.¹⁹ O estranhamento alcançado pelo jogo dos três pontos de vista, abre a pista para a superação do mundo do mito, ou ao menos projeta no horizonte (não se sabe para quando) a possibilidade de superar “o componente irracionalista” que “eterniza a desgraça que acusou”.²⁰ *Teoria e prática são intuídas e revividas na forma artística como força histórica latente, e não como fórmula didática.*

*

Exigências e pressões das coisas do mundo num período de agitações revolucionárias cobravam seu preço. Cinco anos depois da análise de *A metamorfose*, Schwarz volta a Kafka para uma espécie de acerto de contas.²¹ Vale acompanhar o parágrafo de abertura: “‘A tribulação de um pai de família’ é uma obra-prima de poucas linhas. Seu arabesco delicado e breve é violentíssimo e morde o nervo de uma cultura inteira. Não explica, mas implica a vida burguesa com tal felicidade que ela sai triturada — de uma cena simples e doméstica, um pouco fantasiosa. A chave do mundo para Kafka, é de lata, e pode estar nos subúrbios. Se Kafka fosse revolucionário, não fabricaria bombas, mas supositórios”.²²

¹⁸ Idem.

¹⁹ Idem.

²⁰ Idem.

²¹ Note-se que a partir de *O pai de família*, serão raras as análises de autores estrangeiros. E, se esses estão muito presentes no primeiro livro, certamente são fruto da necessidade da produção durante o mestrado em Yale. O conto de Kafka, estudado na segunda coletânea, também dá título ao volume. Talvez até aqui tenha passado um pouco despercebida a centralidade que Kafka ocupa na obra de Schwarz.

²² Roberto Schwarz, “A tribulação de um pai de família”, em *O pai de família e outros estudos* (São Paulo: Companhia das Letras, 2008), p. 23-4.

É evidente que estamos agora diante de um grande escritor. A consciência de se ter um estilo é total²³ — equilíbrio entre conhecimento especializado e vocabulário coloquial de inspiração modernista, corte rápido e humor, e, claro, como desdobramento, o desafio ao leitor para que articule as ideias cifradas na forma ensaística. No entanto, neste caso, a mão materialista parece pesar demais para enquadrar Kafka no esquema da luta de classes. Ao qualificar a novela fantástica do tcheco como “um pouco fantasiosa”, Odradek seria “*Lumpemproletariat*, sem fome e sem medo”, expondo por fim o inconfessável desejo de destruição por parte do pai de família (burguês). Já o narrador procuraria “aliciar o leitor” para “estabelecer o acordo tácito entre adultos, brancos, civilizados”. Assim, categorias estranhas ao universo de Kafka, diferente do que acontece no primeiro ensaio sobre o autor, não tensionam a novela por fora exigindo nova tomada de posição do crítico, mas dão sentido ao conto. Ou em nossos termos, Schwarz se confunde com o narrador “marxista” (externo) de “Uma barata é uma barata é uma barata”.

Apesar de a leitura do Odradek ter força própria — a análise é cerrada e acompanha a escolha por exemplo entre letras minúsculas e maiúsculas, pronomes de tratamento, tipo de descrição, tom, posição dos envolvidos, objetividade versus subjetividade —, o esquemão está logo ali dobrando a esquina, à espera de que o conto seja forçado (por Schwarz, ou por seu narrador ao mesmo tempo desabusado e ortodoxo) a se adequar à crítica da ordem burguesa.

“A graça de Odradek é desumana, e a vida humana é desgraçada.” O inumano volta à cena, mas não causa embaraço, basta escolher entre a leitura metafísica (da angústia de se estar vivo) e as dores específicas de uma sociedade localizada. Na verdade, o desumano agora passa a ser mero efeito literário a encobrir o mundo material. *O veredito, desta vez, não é feito na terceira pessoa do plural, mas sim, na primeira do singular, em tom duro: “A mim, a opção entre as duas leituras não parece livre”*.²⁴ No entanto, a opção por situar o drama encontrado na relação entre Odradek e o pai de família, é pouca coisa mais situada do que a “História humana” do ensaio sobre *A metamorfose*. Afinal, a generalidade da

²³ Sobre o estilo de escrita de Schwarz e o sentido de história, cf. Tiago Ferro, *Um outro percurso do nosso tempo – Roberto Schwarz*, tese de doutorado, FFLCH-USP, 2023.

²⁴ Schwarz, “A tribulação de um pai de família”, op. cit., p. 27.

sociedade burguesa não se cumpre da mesma forma por toda parte e a qualquer tempo, como Schwarz sabia desde o Marx mediado pela história brasileira dos tempos de Maria Antonia, e que ganharia sua forma mais bem acabada em “As ideias fora do lugar”.

A certeza e a mão dura no trato do Odradek seriam no entanto abaladas em ensaio publicado no mesmo livro, quando, talvez por conta da relação pessoal e de afeto com o objeto em questão, o narrador do ensaio se sinta menos à vontade de tomar posição inequívoca em sentido contrário, e tenha que abrir pouco a pouco o debate, afrouxando convicções. Se por um lado, Anatol Rosenfeld, segundo Schwarz, “Sabia perfeitamente da psicanálise, do capital, da luta de classes, da pesquisa empírica, que eram o seu clima efetivo; além do que era de esquerda”, surge a dúvida: “Por que Rosenfeld não se passava para o campo do freudismo e do marxismo, tão mais próximos e plausíveis [...]?”. Schwarz especula que pela própria força das duas correntes, Rosenfeld rejeitaria a “noção enfática do monopólio da verdade” atribuída a elas. O problema estaria principalmente entre os seguidores do que nas teorias originais, o que, evidentemente, implica Schwarz no problema — que toma puxão de orelha de um Rosenfeld algo inventado na trama da narrativa, uma vez que não há qualquer citação ou referência das falas. Nova volta no parafuso: “Quando adaptadas ao campo literário ou filosófico, [análises psicanalíticas e marxistas], lhe pareciam reducionistas”.

O passo seguinte tem a liberdade do narrador de romances ao escrever o que vai pela cabeça de um terceiro, flertando com o conhecido discurso indireto livre. “Não escreveu, mas pensava o mesmo da crítica marxista, por exemplo de Lukács, cuja maneira de analisar a cultura em termos de reação e progresso lhe parecia forçada”. O narrador parece confiável, afinal é íntimo do veterano e lhe quer pintar retrato favorável. Segue então colocando em questão suas próprias referências (com a mão do outro): “Mais surpreendente e interessante é que não gostasse de Adorno e Walter Benjamin, cujo marxismo não sofria de injunções disciplinares. Pareciam-lhe rebarbativo na sua originalidade mesma, na maneira minuciosa e extensa que tinham de circular entre análise formal e construção de tendências sociais”. Apesar do mestre valorizar a posição entre cultura e interesses materiais, segundo Schwarz, “preferia tê-la como aspecto a ponderar, e não como programa de crítica literária”. Sobre esse ponto de semi-aderência às escolhas do

discípulo, continua, “A tentativa de mostrar a necessidade social, com todo o seu aparato, em coisas tão frágeis e irregulares como um detalhe ou um poema talvez lhe parecesse admissível em tese; na prática, suspeitava nela o desejo de massacre, de trazer para uma área de relativa folga subjetiva a pressão dos conflitos sociais mais violentos”. Por fim, de maneira surpreendente, Schwarz se alinha ao lado aberto por seu personagem: “Outros dirão que a dita folga é ideologia, mas de fato há qualquer coisa desproporcionada e antipoética — além de estéril e despótica — em invocar a todo momento o complexo de Édipo e a sociedade de classes para explicar a graça de um livro”.²⁵ O alinhamento precisa no entanto marcar o campo oposto, assim o pensamento mais bitolado fica na conta de “outros”, de quem Schwarz se distancia por meio da invenção literária.

Se no primeiro ensaio sobre Kafka, Schwarz inventa “um marxista” no tecido do texto para questionar suas próprias intuições (ou contra-intuições), aqui é Rosenfeld falando através da pena do discípulo que lhe alivia o nó muito apertado da teoria crítica. *Um jogo de espelhos armado por um narrador confiável até certo ponto.*

Para o nosso interesse, os três momentos levantados — os dois ensaios sobre Kafka (1961 e 1966) e o perfil de Anatol Rosenfeld (1974) — *indicam menos hesitações pessoais de Schwarz do que a dificuldade da crítica avançada em sociedade periférica sob turbulência política.* As soluções, criativas à sua maneira, não deixam de sublinhar o que seria *a nota específica do crítico: a invenção literária desabusada no interior da teoria crítica como resposta às coisas do tempo do mundo em determinada sociedade.*

Em seu último texto publicado até aqui, de 2024, escreve Schwarz: “A historiografia inspirada na experiência estética é muito diferente daquela encontrada nas histórias nacionais, ou na epopeia do progresso ou dos avanços da liberdade, *com as quais compete.* Qual delas é mais verdadeira? É uma questão aberta, mas não é absurdo, segundo o

²⁵ Roberto Schwarz, “Anatol Rosenfeld, um intelectual estrangeiro”, em *O pai de família e outros estudos* (São Paulo: Companhia das Letras, 2008), p. 127-8. Assim como em Kafka, mas não o mesmo, a “literatura estrangeira” se coloca novamente como central para frear impulsos ortodoxos do crítico ao tentar responder aos chamados da política do país periférico; país algo estrangeiro para ele mesmo.

momento, tomar partido da arte e achar que a versão dela não é menos importante do que as demais, até pelo contrário”.²⁶

BIBLIOGRAFIA

ALAMBERT, Francisco. “Lugar da dialética, dialética do lugar: três notas sobre filiações, finalidades e afinidades na formação intelectual de Roberto Schwarz”. In: LOUREIRO, Isabel; MUSSE, Ricardo (orgs.). *Capítulos do marxismo ocidental*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP/FAPESP, 1998.

ARANTES, Paulo Eduardo. *O novo tempo do mundo*. São Paulo: Boitempo, 2014.

ERIBON, Didier. *Retorno a Reims*. Belo Horizonte: Âyiné, 2024.

FERRO, Tiago. *Um outro percurso do nosso tempo – Roberto Schwarz*. Tese de doutorado, FFLCH-USP, 2023.

MASCARO QUERIDO, Fábio. *Lugar periférico, ideias modernas: aos intelectuais paulistas as batatas*. São Paulo: Boitempo, 2025.

NOVAIS, Fernando Novais; SILVA, Rogerio F. (orgs.). *Nova História em perspectiva*. vol. 1, São Paulo: Cosac Naify, 2011.

REIMBERG, Maurício. *A crítica de Roberto Schwarz (1958-1968): um percurso atravessado pelo golpe de 1964*. Tese de doutorado, FFLCH-USP, 2019

²⁶ Roberto Schwarz, “O mundo bloqueado”, revista *Piauí*, n. 219, dez. 2024. O texto é transcrição revista de aula proferida em 2006.

RODRIGUES, Lidiane Soares. *A produção social do marxismo universitário em São Paulo: mestres, discípulos e “um seminário” (1958-1978)*. Tese de doutorado, FFLCH-USP, 2011.

SCHWARZ, Roberto. *A sereia e o desconfiado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. *O pai de família*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *Seja como for*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

STACH, Reiner. *Kafka: Os anos decisivos*. São Paulo: Todavia, 2022.

Tiago Ferro é doutor em história social pela USP e autor, entre outros, do livro de ensaios *Prisão perpétua e outros escritos* (Boitempo, 2025).